

# O RESULTADO DOS ARRANJOS



—Então não ficas mais bonito assim?  
 —Se não fosse o medo do peixe espada, corria-os a pontapé! Mas tenho medo, e então.. que remedio!



## HYMNO DOS SALAMANQUEIROS

FOGE! FUGE



Sindicato, da Carta o pimpão.  
Faz no ar foguetório estalar;  
Nobre esforço que ao bem o dirige  
Vae à Hespanha o baguinho entregar

Foge! foge! ó *vermelha*, não intentes  
Zé povinho exaltado fazer;  
Deixa à gente arranjar o *negocio*...  
Isto é que é patriotismo a valer.

RENHO NHO



## OLHO E PULSO

A comissão de *olho e pulso*, depois de suar as estopinhas nos meetings á torreira do sol, resolveu dissolver-se de todo, para provar ao mundo que liquidou as suas responsabilidades no negocio do sindicato, isto é que não apanhou letra de 50 contos descontada, nem teve parte nos 100 contos que o Burnay levantou do Montepio Geral.



Franca Netto, com as barbas cheias do pó das batalhas, retira-se á sua tenda do Montijo, para se confortar com as bellas ostras das fadigas oratorias.

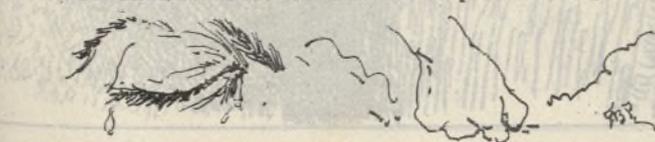
Albino Candido, Apollo do caracol, ou o caracol de Apollo, parte para o bairro da Graça, onde nove sopeiras, lavadas em lagrimas, suspiram pela sua vinda, receiosas de que o vendaval da revolução lhe tivesse arrebatado o chinó.



Eduardo Maia solta um suspiro homeopatico, e vae para casa, pensando em que a medicina dos causticos e das ventosas em certos casos tem mais efficacia que a das gotas de agua fria.

Os demais vão-se dissolvendo, cada um conforme o seu gosto e a sua aptidão.

A comissão passou á historia. Teve uma vida ephemera e algum tanto arriscada a apanhar a sua castanha. Por vezes mereceu as honras de uma intimação policial e de um susto do imperante. O Burnay teve-lhe o amor que a cabra tem ao cutello; o Hintze Ribeiro detestou-a porque lhe pôz as calvas á mostra. No meio da dissolução da nossa sociedade teve o raro merecimento de ser ingenuo; cuidou que o mundo se endireitava com discursos. Pode ser enterrada de palmito e capella.



## A fama

Os ganhões da maioria,  
Brandindo rijos alferes,  
Atiram-se á monarchia  
Minando-lhe os alicerces

Faz gosto vel-os na faina  
D'esta custosa empreitada.  
Tudo se alisa e se aplina  
Aos golpes da sua enxada.

Co'um grande tacto conspicuo  
Nenhum dos outros se atraza  
N'esse trabalho proficuo  
De arrasar a propria casa.

A'vante! ousados maltezes!  
Mais uns golpes de alvião,  
Que dentro de poucos mezes  
Vae a futrica p'ra o chão!

Como um puding de geléa  
Tremelica o scetro fraco  
E o throno já cambaleia  
Como um devoto de Bacho

O Hintze, maltez em chefe,  
Vibra-lhe uns golpes de faca  
Como o torvo magarefe  
Quando esquarterja uma vacca

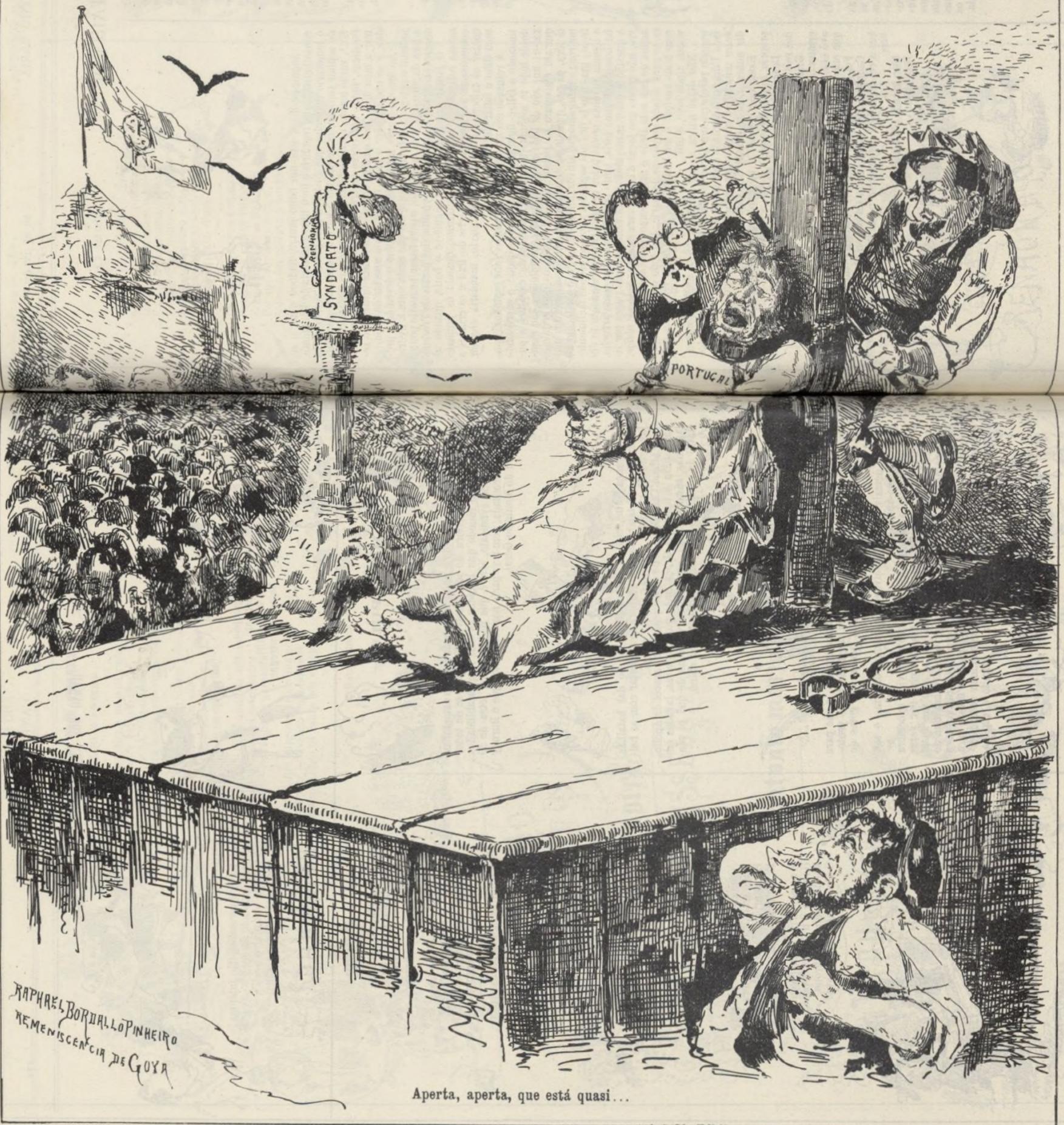
Ninguem a esforços se poupa  
Tudo trabalha em tal obra,  
E o Burnay, de pau de choupa  
E' quem dirige a manobra.

E ao pé, co'um gesto de entono  
De quem o trabalho approva  
Vendo a ruina do throno,  
O Fontes abre-lhe a cova.



PAN

O GARROTE VIL  
AO QUE TU ASSISTES, Ó ZÊ!



Aperta, aperta, que está quasi...

## SI J'ETAIS ROI

Se eu fosse rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar, senhor hypotetico de muitas coisas mais, eis o que eu faria ao ter de substituir provisoriamente a minha corôa de ouro, pelo meu bonet de viagem, o meu sceptro, pela minha bengala de unicorne, o meu largo manto arminhado, pelo modesto paletot burguez. Eu mandaria pela cidade os meus arautos, montados em soberbos palafrens ajaezados d'ouro, de compridas e luzentes charamellas, lançando pregão a todos os fidalgos, ricos homens e infantões, para que no dia da vespera da minha partida, se achassem com suas commendas, insignias e distincções, nas salas nobres do meu alcaçar real.

Alli, depois de collocados por ordem alfabetica, para lhes mostrar que n'esse dia solemne, varrendo do meu espirito todas as ideias, de superioridade, de velhas pragmaticas, os amava a todos e considerava nos intimos rofejos da minh'alma, eu mandaria que meu filho sahisse da fileira e se abeirasse do throno seu paterno.

N'uma sala, á dextra, a musica dos Cégos da Casa Pia, executaria durante a cerimonia as mais escolhidas peças do seu repertorio, guardando para penultima a conhecida *ballada*, cuja letra é:

Acceita o sabre, o sabre, o sabre, etc. da Gran Buqueza de Gerolestein.

Ao som d'esse canto, que eu teria applaudido do meu camarote d'honra, de mistura com o meu povo querido, impressionado até ás palmas, ao riso, ás lagrimas, canto tão popular e harmonico com a gravidade do acto e com o meu cognome, escolhido pela sua extrema precisão n'esse instante; eu, desceria grave e altivo do throno dos meus avós e recommendando aos nobres e gentis-homens cuidado nos córos, entoaria, depondo, nas mãos de meu filho, o sceptro de seus maiores, o canto da brejeira duqueza.



Acceita o sceptro, o sceptro, o sceptro,  
Acceita o sceptro, do papá.

Obrigaria meu filho a lér de cór um discurso para, acabados os córos, me responder, discurso em que fallaria das suas mãos debeis, do seu amor á patria, de D. Affonso Henriques, da padeira de Aljubarrota e já agora, por opportunismo, do syndicato.

Os nobres, os mavorcios coroneis, os velhos fidalgos, as damas e os pagens chorariam: o povo vozearia por sob as janellas, como um enxame gigante; e echoariam pelo mar as ondas d'ar sonoras percutindo-se ao sopro dos canhões; a soberba marinha, os nossos Pimpões, em pezo, dançariam cruzando-se na larga bacia do Tejo, um can-can, unico, excepcional, phantastico! Então, eu, eu cahiria rubro, apoplectico, nos braços de meu filho escorado por Fontes e Arrobas, enquanto os nobres, e os familiares, tirassem das espadas, as damas d'honor fizessem circulo, e dos lados, por entre as portas, os sumilheres acendessem as vellas córadas, dos fogos de bengala.

O quadro da Gloria! pura magia!



Seguir-se-hia a isto um lauto jantar, findo o qual, o sr. conselheiro Viale, repetiria a meu filho a historia de Pahetonte, o temerario mancebo, que guiando, pela primeira vez, o carro do senhor seu pae, ia reduzindo a terra a negro torresmo. Sua Ex.<sup>a</sup>, varão inclito, e sabedor das mais poeirentas e classicas litteratices, muito anteriores ás eras affonsinas, procuraria mostrar a meu filho, que quando se não tem muita pratica de redea, e se não conhece o gado, é bom não o apertar de freio.

Ao mesmo tempo far-lhe-hia vér, como o descuido é prejudicial e perigoso, sobretudo hoje, em que anda solta a hydra, a fera da anarchia e da irreligião, e para frisar bem este ponto, descrever-lhe-hia, a sahida de Hypolito, das portas de Trezena.

O jantar terminado, ao extinguir-se o baile, quando as mezas estivessem desertas de charutos, quando os punhaes começassem a retirar-se para os barris do lixo e os criados a contar os talheres, a sós, no meu quarto, mandaria chamar meu filho e fallar-lhe-hia assim:

A reinação em que vais entrar tem os seus espinhos. Continuando a fallar figuradamente, dir-te-hei, que o carro onde desde hoje te assentas tem duas especies de cavallos a puxal-o; uns são de boas raças, apurados, escolhidos, são esses que ahí estiveram ha pouco; os outros, são os que gritavam lá fóra, na rua, quando eu desmaiei. Desconfia sempre dos primeiros; são orgulhosos, altivos, interesseiros, não obedecem ao freio; mas não te fies nos segundos; corrompem-se facilmente, e tomam manhas novas todos os dias. O sceptro que eu te dei ha bocado, é uma leria, tanto póde ser sceptro como arrocho, a questão é saber manejar-o. A sua educação não pecca por livre, não receio que faças d'elle a vara magica. *Noblesse oblige*, acima de nós está Deus e esse mesmo quando é preciso afasta-se para o lado ou põe-se de parte. Em todo o caso, sempre com bons modos; é um amigo, um perseguido como nós e ás vezes, ainda hoje, é util.

Não digas nunca o que pensares; desconfia da sombra, quando receberes um abraço defende-te sempre d'uma punhalada. Uma farda bordada é em geral, o casulo d'um vilão; muitas vezes uma blusa encobre um coração d'um fidalgo. Isto não se diz nunca, nem se pensa; não vale a pena.

Estou com somno... tu ampliarás, e confirmarás por ti proprio, o que te disse.

Descer da burra, nunca! como o primo Affonso; não somos dos reis que se vão.

Gritam para ahí, miserias, fomes, corrupções, infamias, crimes... pois sim, tudo é muito bonito... no tempo do meu avô era a mesma coisa, e no tempo do avô d'elle, ja elle dizia que era o mesmo tambem.

Foi assim sempre... querer endireitar isto é de tolo. Cada um onde cahiu: n'um throno ou n'um curral. Percebes a coisa: tudo é pelo melhor no melhor dos mundos possiveis.

Que grande philosopho... medita-o...  
Boa noite.



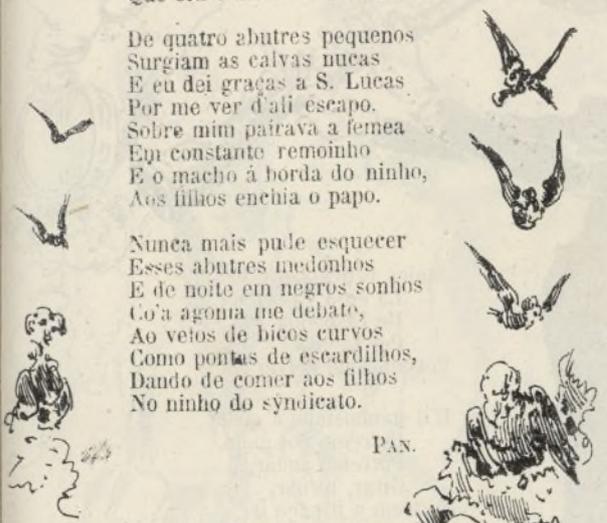
O ninho

Hontem de tarde n'um cerro,  
Sobre barrancos de pedra,  
Onde a esteva nasce e medra  
E onde o escalracho se nutre,  
Descobri um ninho enorme  
Entre um cabouco defeso:  
Acerquei-me e vi surpreso  
Que era o ninho d'um abutre.

De quatro abutres pequenos  
Surgiam as calvas nuças  
E eu dei graças a S. Lucas  
Por me ver d'ali escapo.  
Sobre mim pairava a femea  
Em constante remoinho  
E o macho á borda do ninho,  
Aos filhos enchia o papo.

Nunea mais pule esquecer  
Esses abutres medonhos  
E de noite em negros sonhos  
Co'a agonia me debate,  
Ao veos de bicos curvos  
Como pontas de escardilhos,  
Dando de comer aos filhos  
No ninho do syndicato.

PAN.



Foi enorme o trabalhão,  
Foi terrivel o cançasso  
Que a comissão contra a coisa  
Teve para entrar no paço.

Por fim, de couraça e elmo,  
E a tropa toda embuscada,  
Recebeu-os na cosinha  
Co'a bateria assestada.



Vem a da coisa a favor,  
E logo todo afanoso,  
Abre as portas, abre os braços.  
Abre tudo jubiloso!

São bolos, licór, biscoitos,  
E' tudo quanto appareça:  
Cerveja preta p'ra os sustos,  
E adezivo p'ra cabeça.

RENHÓNHO



COMO ELLAS SE ARMAM!

Maria da Fonte encara  
Com Sampaio, o cachaudo,  
Solta um — ah! — sonoro e agudo  
Qual se encontrara um irmão:  
Luz-lhe a alegria na cara,  
Ri, delira; avança o passo  
E quer n'um estreito abraço  
Unil-o ao seu coração.

«Amigo de tempos bellos,  
Que fulminavas o sceptro  
N'aquelle energico *Spectro*  
Que te deu nome immortal!  
Que punias atropellos  
A liberrimas conquistas,  
N'esses tempos cabralistas  
De despotismo triumphal!

«Vejo a patria (e digo-o em metro)  
Explorado por Bazorras,  
E ar do suor ultimas borras  
A salamanqueiros vis!...  
Eia! acorda, heroe do *Spectro*,  
Apara essa penna romba,  
Esmigalha, esnaga, arromba  
Sanguessugas do paiz!»

— «Minha Maria da Fonte  
A quem já entoei hymnos...  
N'esses tempos cabralinos  
Votei-te entranhada fé;  
Mas vejo hoje outro horizonte  
Porque um dia entrei no Paço:  
Curvo ao Fontes meu cachaço...  
Cumpro as ordens do Burnay.



Um vae por Salamança no comboio  
Visitar o visinho;  
Outro, votando contra o syndicato,  
Vem p'ra cá de carrinho!

O MILHO

— Com que então, v'essa incellencia  
Dá-nos milho, podre assim?!

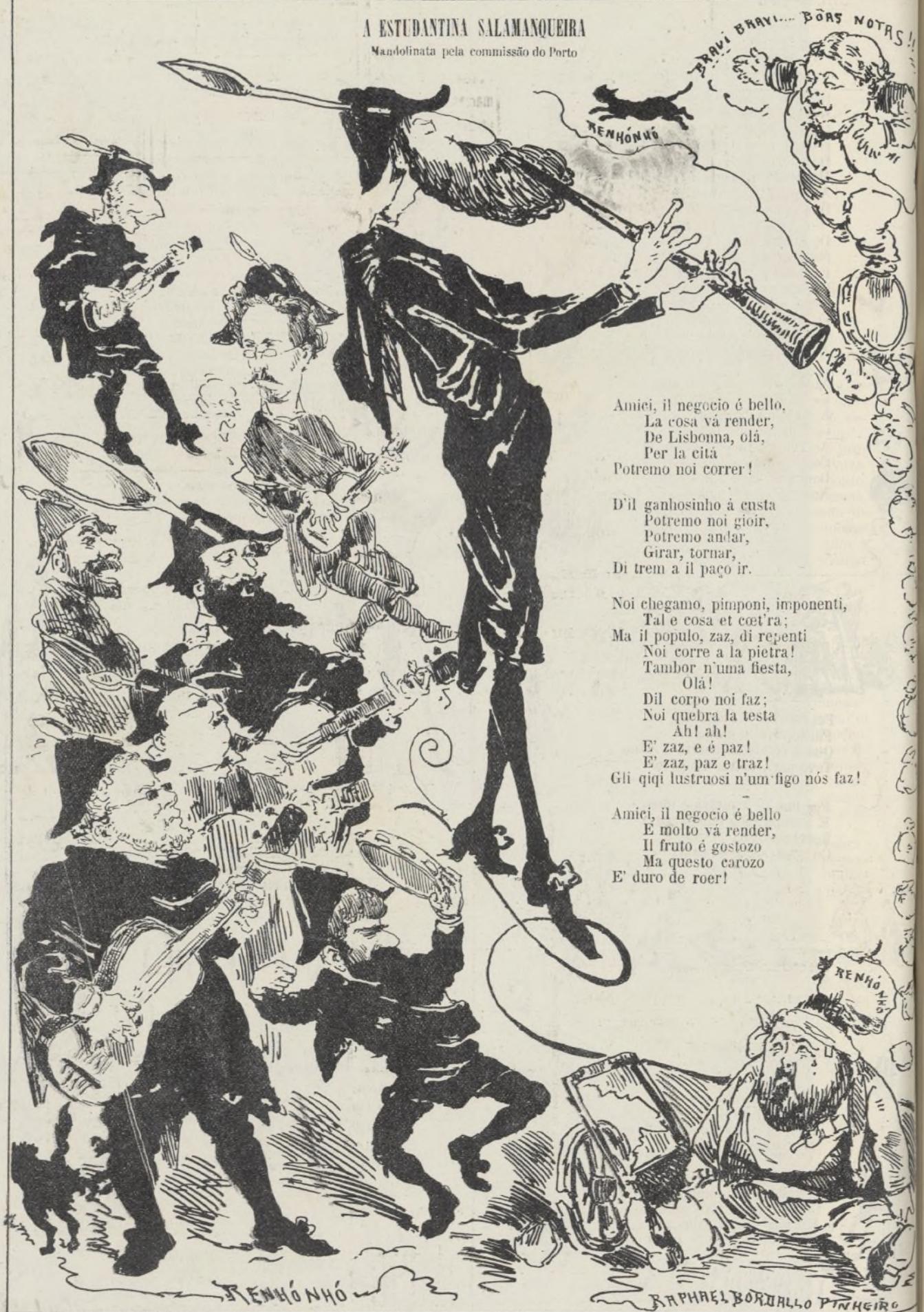
— Meus caros, tenham paciencia  
O milho bom é p'ra mim!



ANTONIO BORDALLO

## A ESTUDANTINA SALAMANQUEIRA

Mandolinata pela comissão do Porto



Amiei, il negocio é bello,  
La cosa vá render,  
De Lisbonna, olá,  
Per la citá  
Potremo noi correr!

D'il ganhosinho á custa  
Potremo noi gioir,  
Potremo andar,  
Girar, tornar,  
Di trem a il paço ir.

Noi chegamo, pimponi, imponenti,  
Tal e cosa et coet'ra;  
Ma il populo, zaz, di repenti  
Noi corre a la pietra!  
Tambor n'uma fiesta,  
Olá!

Dil corpo noi faz;  
Noi quebra la testa  
Ah! ah!  
E' zaz, e é paz!  
E' zaz, paz e traz!  
Gli qiqi lustruosi n'un figo nós faz!

Amiei, il negocio é bello  
E molto vá render,  
Il fruto é gostozo  
Ma questo carozo  
E' duro de roer!